

Editorial

Eduardo Marandola Jr. ¹

¹Geógrafo (UEL), Doutor em Geografia (UNICAMP) . Professor da UNICAMP. Coordenador do LAGERR. Editor da Revista Geograficidade.

Minas Gerais sempre foi um mistério para mim. Foi ali (aqui?) que meus avós maternos nasceram de onde ouvia histórias de antes de irem para o Paraná, de como a “terra velha” não seria suficiente para a família grande, de como foi que se desfizeram de tudo e migraram para as “terras novas” no Paraná.

Isso tudo faz muito tempo, nos agora longínquos anos 1940. O Norte do Paraná era então a fronteira agrícola, e o “Sertão do Tibaji” desaparecia.

Estas lembranças mal traçadas estão muito distantes da visão que tenho hoje de Minas Gerais: um estado com muitos centros importantes e emergentes de estudos geográficos que pululam por estas diferentes paragens e paisagens. A **Revista Espinhaço** é a expressão máxima deste novo centro de conhecimento geográfico, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na histórica cidade de Diamantina.

O número que temos em mãos, o segundo desta lavra, apresenta três artigos, abrangendo diferentes áreas da Geografia, além de uma resenha, uma entrevista e um texto na singular seção “Garimpando o Espinhaço”. E é por este texto que vou iniciar esta apresentação, pois o texto “As pedras de Drummond”, de **Everaldo Gonçalves**, é daqueles textos de encher os olhos e de se alegrar pelas possibilidades que uma escrita inteligente, solta e informada ao mesmo tempo podem produzir em termos de construção de saberes interdisciplinares. A propósito do famoso poema do poeta mineiro, Gonçalves conduz uma bela conversa entre a geologia e política, motivado pela poesia ao “minerar” as minas gerais.

A resenha e a entrevista reverenciam grandes professores franceses. A resenha, escrita por **Mateus de Moraes Servilha**, considera o livro *Vidal, vidais: textos de geografia humana, regional e política*, que os professores Guilherme Ribeiro, Rogério Haesbaert e Sergio Nunes (o primeiro professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e os outros dois professores da Universidade Federal Fluminense) escrevem sobre diferentes dimensões da obra do grande mestre francês, Paul Vidal de La Blache. Já a entrevista é do geógrafo francês que possivelmente mais mantém relações com o Brasil, pelo menos nos últimos 20 anos: Paul Claval. A entrevista foi realizada pela própria equipe da revista e agrega muitos elementos ao conhecimento do conhecido professor da Sourbonne.

O primeiro dos quatro artigos publicados desta edição, “A cosmopolização no universo em expansão e contração: integração e exclusão nas redes urbanas do mundo em desenvolvimento”, de **Douglas Sathler** e **Roberto Monte-Mór**, refletem sobre as transformações nas redes urbanas contemporâneas, no contexto da globalização, apontando

para a emergência da cosmopolização como processo, para além da formação de Cosmópolis.

O segundo texto, de **Herbert Amaro Aurélio Souza**, **Raquel Faria Scalco** e **Daniella Eloi de Souza**, “Oficinas de legislação ambiental e turismo para as comunidades do entorno do Parque Estadual do Biribiri”, discute resultados vinculados a um projeto de extensão realizado neste parte, cujas oficinas mostraram potencial como instrumento de engajamento das comunidades para preservação ambiental.

“Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica”, de **João Tonucci**, trata os dois conceitos como matrizes fundamentais para uma geografia crítica, tencionando seus sentidos e ponderando suas possibilidades analíticas.

Por fim, o quarto artigo, “Paleobiologia e Evolução: o potencial do registro fossilífero brasileiro”, de **Luana Pereira Costa de Moraes Soares**, **Bruno Becker Kerber**, **Gabriel Ladeira Osés**, **Alessandro Marques de Oliveira**, **Mírian Liza Alves Forancelli Pacheco**, mostra a relevância da paleobiologia para o desenvolvimento de pesquisas no Brasil, especialmente no caso dos depósitos fossilíferos.

Como se vê, esta jovem revista vai delineando sua “cara”, com textos que vão além do seu “quintal”, constituindo-se uma nova força editorial para a reflexão geográfica de todas as temáticas. Uma geografia plural, mas fincada nas suas raízes, dialogando com a tradição e a modernidade no mesmo movimento.